

LEMBRANÇA E
AMIZADE:
O COMPARTILHAR
DA MEMÓRIA EM
GLOSA, DE
JUAN JOSÉ SAER

RENATA CRISTINA PEREIRA
RAULINO

Mestranda pelo Programa de
Pós-graduação em Língua
Espanhola e Literaturas
Espanhola e Hispano-Americana
do Departamento de Letras
Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de
São Paulo (FFLCH-USP).
Bolsista CNPq.

Recebido em: 24 de abril de 2017

Aceito em: 27 de junho de 2017

RESUMO

Este artigo é resultante da comunicação "Lembrança e amizade: o compartilhar da memória em *Glosa*, de Juan José Saer", projeto de pesquisa apresentado na IV Jornada do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, em 2015. Em *Glosa* (1985), romance do escritor argentino Juan José Saer (1937-2005), as relações privilegiadas entre os personagens não são as familiares ou as românticas, mas as de amizade. Neste projeto de pesquisa, pretende-se analisar os modos e efeitos do exercício da memória compartilhada nesse romance. Os pontos de vista de um grupo de amigos compõem versões das lembranças de uma celebração, desde o relato dos protagonistas que não estiveram presentes até as versões dos participantes do evento. Sendo assim, a rede de amigos que se encontra para conversar e discutir é o tecido básico sobre o qual as histórias se tramam. A partir disso, propõe-se a análise das possibilidades e limites do relato de uma memória comum contribuir para o estabelecimento e manutenção de relações de amizade na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE

Memória compartilhada; amizade; *Glosa*, Juan José Saer.

Introdução

Segundo Ricardo Piglia (2010) em “La amistad en Saer”, a amizade é um dos núcleos centrais da narrativa saeriana. O grupo de amigos que se encontra para conversar e discutir é o tecido básico sobre o qual as histórias se tramam. No caso de *Glosa*, a história trama uma amizade entre os protagonistas por meio de uma experiência compartilhada do relato, por mais que esta relação se revele efêmera ao final da narrativa.

No romance em questão, a amizade é um afeto que aparece antes mesmo da narrativa começar. Saer dedica *Glosa* a três amigos “por las sobremesas del domingo”. Esse tempo de conversas posterior à comida será privilegiado na evocação da lembrança por parte dos protagonistas, como veremos a seguir. Além disso, nessa mesma dedicatória, Saer oferece aos amigos uma comédia. De fato, o humor é o tom que se busca na maior parte da narrativa de diversas maneiras como, por exemplo, um narrador externo que sempre e exageradamente põe em dúvida o que ele mesmo diz e percebe.

No romance em questão, Leto e Matemático, conhecidos de um amplo círculo de amigos, encontram-se por acaso em uma das ruas centrais da “zona” saeriana. Essa é uma região que remete, apesar de nunca nomeada, à província argentina de Santa Fe (no caso de *Glosa*, o centro da capital), lugar de origem do autor e espaço (re)criado na sua obra. A evolução da caminhada é configurada em “cuadras” (100 metros) e é mostrada na divisão do romance: “Las primeras siete cuadras”, “Las siete cuadras siguientes” e “Las últimas siete cuadras”. Os dois caminham por esses quarteirões e conversam durante quase uma hora e centenas de páginas sobre uma celebração em que nenhum dos dois esteve presente, o aniversário de Washington Noriega, um dos membros centrais desse grupo de amigos. Em vista disso, ambos se valem das versões dos convidados que participaram da festa para comentá-la na caminhada.

Entretanto, os relatos aos quais os caminhantes têm acesso não convergem para formar uma história mais próxima do que realmente aconteceu. Pelo contrário, as versões dos participantes da mesma celebração não se complementam e se confirmam, mas se sobrepõem e se contradizem. Essa divergência de vozes aponta para um dos sentidos do título do romance: “glosa” é uma variação musical que se executa com as mesmas notas. Sendo assim, os participantes do aniversário formam essencialmente três variações dissonantes do evento: Botón, Carlos Tomatis e Pichón Garay. Cada voz surge antes, durante e depois do passeio entre Matemático e Leto.

Alguns dias antes da caminhada, Matemático se encontra com Botón e o último conta os pormenores do aniversário de Washington. A partir dessa versão, Matemático cria e narra uma nova versão do mesmo acontecimento para Leto. Esse desconhece o lugar onde a celebração ocorreu e conhece poucos dos seus convidados e, por isso, ouve e imagina essa nova versão por meio de experiências próprias, mas alheias à festa evocada. Ou seja, a narração da festa por parte de Matemático, já uma modificação do relato da lembrança de Botón, se transforma na recepção de Leto. Portanto, se explicita desde o início que a lembrança alheia não pode ser apreendida da mesma maneira, fielmente e na sua inteireza.

Novas versões da festa de outros amigos que estiveram no aniversário surgem no decorrer da caminhada e possuem conteúdos bastante divergentes da primeira lembrança glosada, como se disse mais acima. Tomatis, outro dos membros do grupo convidado, conta uma versão cáustica sobre o que se discutiu na festa quando se encontra com os protagonistas durante o passeio. Esse tom venenoso incide sobre o relato da lembrança do personagem e a torna diferente da lembrança de Botón.

Por sua vez, esse mesmo passeio se torna uma lembrança em si na memória de Matemático alguns anos depois da conversa com Leto e Tomatis. Em tal futuro,

Matemático evoca novamente a mesma festa em outra caminhada, que realiza dessa vez com Pichón Garay. Esse havia estado na festa, mas insiste na presença do protagonista, que reforça a sua ausência no evento.

Portanto, esses novos relatos de lembranças díspares e individuais entram em contradição e dificultam uma reconstituição satisfatória e confiável de um acontecimento importante para o círculo de amigos, especialmente para os ausentes, pois o que se enfatiza é a disparidade das versões e não o que possuem em comum.

No mesmo futuro que acabamos de aludir, Matemático estará exilado na Europa devido à última ditadura militar argentina (1976-1983). Os efeitos do terrorismo de estado são outra experiência social importante para a pequena sociedade de amigos nesse romance e em outras narrativas de Saer. Muitos de seus integrantes sofrem os efeitos desse trauma histórico, recente no ano de publicação de *Glosa* (1985): o exílio, o desaparecimento, a guerrilha e a morte, sendo os dois últimos o futuro de Leto. Tal experiência histórica dispersa a rede de amigos da qual os protagonistas caminhantes do romance desejam tanto continuar a fazer parte integralmente.

Voltando à mesma conversa entre os personagens principais, o narrador mostra nas consciências dos protagonistas outras lembranças que os desviam continuamente da conversa e sua tentativa de reconstituição da festa. Em Matemático, irrompe em sua consciência a lembrança do “Episódio”, situação na qual também se viu excluído de um evento e de um grupo de intelectuais, o jantar com um poeta que visitava a cidade.

No caso de Leto, há a constante volta das causas e efeitos do suicídio de seu pai, o que torna inacessível para o ouvinte e o leitor a conclusão do relato de Matemático acerca do que foi dito na celebração pelo aniversariante. Ou seja, a superposição angustiante das lembranças de Leto em torno a essa fatalidade familiar o impede de escutar partes do relato da festa que são importantes para a sua compreen-

são. Por exemplo, um dos fios da narrativa é a glosa de Matemático sobre reflexões absurdas de Washington Noriega acerca do comportamento de mosquitos. Tal fio é importante porque seria a conclusão do personagem central da festa sobre um debate que percorreu todo o relato da celebração: a possibilidade ou não do instinto de animais como cavalos e mosquitos permitir o erro. Essa inconclusão frustra a expectativa do leitor que, assim como Leto, desconhece o que Matemático comentou sobre a reflexão do aniversariante. Sendo assim, essas digressões, em especial as que correspondem a Leto, comprometem ainda mais o relatar dessa experiência composta por pontos de vista múltiplos e díspares.

Ademais, a interferência dessas experiências próprias e não compartilhadas, revela o ensimesmamento e a distância entre os protagonistas. A exclusão da festa e a experiência da caminhada, tempo dilatado na leitura, criam uma amizade momentânea entre os dois. Passado esse momento, as profundas diferenças entre Leto e Matemático voltam a adquirir importância e impossibilitam essa promessa de amizade.

A partir disso, nos propomos a indagar como e em que medida a construção de uma memória múltipla possui um papel determinante no estabelecimento e/ou manutenção de relações de amizade, laço afetivo nuclear no romance. Ou seja, investigaremos se o exercício compartilhado da rememoração auxilia na continuidade do pertencimento dos protagonistas ao círculo de amigos e possibilita a criação de um laço afetivo entre Matemático e Leto, por mais que essa amizade incipiente seja incompleta, não isenta de dúvidas e pareça durar somente o tempo da caminhada e o tempo da leitura.

Sendo assim, partiremos do princípio de que a conversa entre os protagonistas se trata da construção de uma experiência comum que tenta criar uma visão do passado a partir de perspectivas múltiplas e díspares de um mesmo acontecimento importante para o círculo de amigos. Essa construção é marcada pela desconfiança

das versões da festa, mas possibilita momentaneamente um afeto que aparentemente persiste na memória dos protagonistas em um futuro trágico que separa fisicamente a rede de amigos.

Tema e justificativa

De posse dessas considerações introdutórias, faz-se necessário destacar que esta pesquisa de mestrado se insere em uma perspectiva crítica importante da obra de Juan José Saer: a representação da experiência. Em *Glosa*, essa claramente perpassa e depende fundamentalmente da memória múltipla de um grupo.

Um dos teóricos com o qual Saer dialoga é o crítico alemão Theodor Adorno. Este, em “A posição do narrador no romance contemporâneo”, retoma o que Walter Benjamin afirma em “O Narrador” e reconhece a dificuldade de se compartilhar o vivido na contemporaneidade, devido à perda de sentido da experiência. Entretanto, o autor alemão defende que o romance como forma faz dessa dificuldade o seu objeto e insiste na sua narração.

A visão negativa do narrar, e a conseqüente posta em dúvida do vivido, é constantemente observada na crítica especializada na narrativa saeriana, em especial nos seguintes textos que constam na bibliografia: “El lugar de Saer”, de María Teresa Gramuglio (1986); “‘Un azar convertido en don’. Juan José Saer y el relato de la percepción”, de Miguel Dalmaroni e Margarita Merbilhaá (1999); “Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración, en *El Entenado y Glosa*”, de Florencia Abbate (2010); “La historia de las ficciones en Juan José Saer”, de Florencia Garramuño (2010); e *La dicha de Saturno. Escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer*, de Julio Premat (2002).

As especulações sobre o real são – no romance e na obra saeriana como um todo – percepções ou pontos de vista sobre determinada experiência. Essas construções dependem da memória para se tornar lembranças configuradas em relatos, pois

é a capacidade de rememorar que permite o acúmulo e a continuidade de vivências anteriores, próprias ou alheias ao sujeito, que configuram uma narrativa.

Nesse sentido, a importância deste trabalho consistirá em mostrar em *Glosa* a construção da memória múltipla como um elemento fundamental para a manutenção e criação de novos laços nessa rede de amigos, relações afetivas centrais neste romance e na obra do escritor como um todo.

Referencial teórico

Em primeiro lugar, a pesquisa se dedicou a leitura da bibliografia teórica e da específica. Como referencial teórico principal, utilizamos obras que desenvolvem reflexões sobre a amizade e sobre um exercício da memória que fosse além do plano individual. Em relação à bibliografia específica, buscamos trabalhos críticos sobre a obra de Juan José Saer e indagamos os modos como esses textos críticos se debruçaram sobre a questão da construção de uma memória grupal e múltipla, do testemunho e da amizade.

Um dos primeiros achados foi o artigo de Miguel Dalmaroni e Margarita Merbilháa (1999), “‘Un azar convertido en Don’. Juan José Saer y el relato de la percepción”. Nesse artigo os autores discorrem a respeito da narrativa saeriana e, ao falarem sobre o romance a ser examinado, afirmam o seguinte: “[em *Glosa*] la narración subraya casi hasta lo grotesco las mediaciones insalvables entre esa experiencia ajena y el intento por recuperarla mediante un relato que se va construyendo a partir de fragmentos y conjeturas” (p. 329).

Além do trecho acima, no subitem “Sombra de Proust”, os autores argumentam que a poética de Juan José Saer discute e inverte o projeto de Marcel Proust em *Em busca do tempo perdido*, o qual é “fundado en la posibilidad de narrar a partir de la memoria que sobreviene azarosa pero efectivamente” (DALMARONI; MERBILHAÁ, 1999, p. 331). Ao citar alguns textos de Saer, entre eles *Glosa*, os mesmos

autores concluem que o escritor realiza uma inversão da memória involuntária proustiana, pois é a percepção involuntária da realidade que se dá na sua narrativa. Sendo assim, tal apreensão subjetiva da experiência suscita um encontro do sujeito com os outros e o exterior, suas percepções e lembranças. Portanto, esse encontro permite a conformação de um relato múltiplo composto por lembranças díspares de um mesmo acontecimento.

Em linhas gerais, esse artigo é caro a esta investigação por realçar a importância das mediações para o acesso a uma experiência alheia. O trecho transcrito acima também suscita a seguinte observação: representa-se uma memória fragmentária em um relato que não é fragmentado, apesar desse ser interrompido por digressões mentais dos protagonistas e por “saltos” para o futuro da narração.

Tal ocorrência pode ter como explicação certo retorno ao relato da experiência, observada por Florencia Garramuño (2010) em “Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración en *El Entenado y Glosa*”, outro referencial teórico fundamental para a pesquisa. Nesse texto, a autora defende que os dois romances mencionados no título iniciam uma nova etapa na obra de Saer, na qual a experiência é incomensurável e inacessível *em si*, e não somente o seu relato, ao inserir a impossibilidade de se representar uma experiência *no* argumento da trama e não somente na sua forma, o que permitiria a volta da linearidade narrativa desse escritor e sua consequente maior legibilidade, apesar das suas constantes interrupções.

Outro texto interessante à esta pesquisa é “Glosa, un atisbo de fiesta” de Sandra Contreras (1991), artigo no qual se ressalta como um dos pontos principais do romance o tempo de ausência da festa. Não estar na celebração é ser relegado à margem e ser suprimido do relato futuro do evento, o que significa não ser lembrado/narrado. Por isso, os ausentes da festa apropriam-se da experiência a partir do exercício da memória, o que faz da ausência a origem do relato, a sua razão de ser.

Um dos únicos trabalhos que se encontrou um desenvolvimento sobre o exercício de uma memória grupal em Saer e em *Glosa* foi “El relato literario y la memoria colectiva” de Pablo Dema (2008). Nesse texto, o articulista vale-se de referências como Paul Ricoeur e observa no romance como a “memória coletiva” constrói o terrorismo de estado na Argentina. Segundo ele, essa construção está mais atrelada aos pontos de vista do narrador do que a outras perspectivas, pensamento que Beatriz Sarlo (2010) compartilha em “La política, la devastación”, texto em que a crítica discute, principalmente, a força da política no destino dos protagonistas.

Essa memória constrói lembranças de um grupo em um sentido mais amplo: os personagens como membros da nação argentina que sofreram os efeitos do terrorismo de estado, algo desenvolvido no fim do romance e em um tempo futuro e, por conseguinte, posterior ao argumento central. Essa perspectiva histórico-política possibilita a leitura da narrativa em questão com um romance político, algo que, além do acima mencionado texto de Sarlo, Martín Kohan (2011) desenvolve em “Glosa, una novela política”.

Por outro lado, a presente análise do livro decidiu por considerá-lo desde outra perspectiva: a narrativa em questão é um romance de amizade que também possibilita ler no seu centro o funcionamento do compartilhar de lembranças por meio da narração de versões de um acontecimento privado por parte de alguns integrantes de um grupo unido pelos laços da amizade, pois essa construção revela uma visão de mundo múltipla dependente de seres sociais que reformulam as relações entre sujeitos e o que lhes é externo: o mundo e o outro.

Sendo assim, reflexões interessantes são as que Paul Ricoeur (2007) faz em *A memória, a história e o esquecimento*. Nesse livro, o filósofo francês propõe no final da sua primeira parte três sujeitos essenciais de atribuição da memória: o indivíduo, os próximos e os coletivos. Os próximos, sujeitos que nos interessam, seriam os media-

dores entre um espaço público e o foro interior, o que coloca o autor na mesma linha dos Antigos que escreveram acerca da amizade, no sentido de entre o “eu” e os próximos existir uma mutualidade privilegiada que condiciona o compartilhamento de experiências e lembranças. Considerando que o exercício do relato da memória condiciona em *Glosa* uma primeira aproximação entre os protagonistas, observaremos em que medida ela torna possível ou não uma relação de amizade entre esses personagens, uma vez que esses laços são tão instáveis, fragmentados e questionáveis como as lembranças que se (re)constroem.

Em relação à representação da amizade em Saer, o ensaio de Ricardo Piglia (2010) “La amistad en Saer” aponta para a ênfase nesse tipo de relacionamento. Nesse pequeno texto, o autor salienta que a amizade na obra saeriana como um todo é central para a sua organização porque se configura a partir da conformação de várias redes. Entre essas, é possível destacar as versões dos acontecimentos, como se pode observar no seguinte trecho:

El grupo de amigos que se encuentran para charlar y discutir es el tejido básico sobre el que se traman las historias. La amistad [...] en Saer [...] es una red de tensiones, rupturas, reencuentros, relaciones, *acontecimientos*, historias antiguas, *nuevas versiones*. La estructura abierta de la narración reproduce el juego de encuentros y desencuentros entre los amigos (p. XIX, grifo nosso).

Além desse jogo de encontros e desencontros que se refletem nesse tecido conformado por versões, também interessa a divisão que o autor faz entre tipos de amizades: a amizade como aprendizagem (relação entre mestre e discípulo) e a amizade entre iguais, fundada na cumplicidade, na confrontação e na disputa. Essa última relação é interessante para o romance a ser analisado, pois pode condicionar a rede de versões do relato de uma experiência pela confrontação e disputa que há entre os pontos de vista que conformam a lembrança múltipla da celebração.

Ademais, nesse tipo de amizade os personagens não têm posições hierárquicas distintas, com exceção da relação que há entre alguns dos personagens com Washington Noriega, o aniversariante e aparente mestre e centro do grupo. Entretanto, essas posições são distintas, como as classes sociais claramente diferentes dos protagonistas e a presença ou ausência da celebração que revela um sentimento de exclusão do grupo, o que leva a presente pesquisa a questionar a relação que há entre os pontos de vista dos membros do círculo de amigos e as posições que ocupam nessa pequena comunidade e no aniversário.

As reflexões de Giorgio Agamben (2009) em “O amigo” também podem auxiliar no entendimento da amizade no romance. Nesse ensaio, o filósofo reflete sobre o conceito de amizade a partir das postulações de Aristóteles e afirma que “a sensação do ser é, de fato, já sempre dividida e com-dividida, e a *amizade nomeia essa divisão*” (p. 89, grifo nosso). Considerando essa sensação do ser como a percepção do sujeito, pode-se dizer que no romance a amizade nomeia o compartilhamento de percepções, algo que acontece entre Leto e Matemático, pois os protagonistas tentam recuperar não o que aconteceu na festa, mas o que foi percebido e conversado naquela ocasião.

Diante desse apanhado crítico, seria despropositado afirmar que a presente proposta de investigação possui um caráter inédito, pois distintas áreas como a sociologia, a filosofia e a crítica literária há muito trataram da memória em um plano social. Da mesma forma, já se verificou a importância da sociedade de amigos e da memória como condição para a representação de determinado acontecimento em *Glosa* e na obra de Juan José Saer como um todo. Entretanto, esses dois conceitos são tratados separadamente no referencial teórico elencado. A presente pesquisa pretende mostrar como essas reflexões se correspondem para a compreensão do romance em questão.

Metodologia e objetivos

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos empreendidos nesta investigação, serão realizados a escritura de fichamentos e mapas mentais do aporte teórico e a análise do romance *Glosa*. Levando em conta as leituras críticas e teóricas sobre memória, lembrança e amizade, estabelecerei um diálogo com a nossa análise de *Glosa*, no sentido de observar o funcionamento e as possíveis relações desses dois aspectos no romance. Para isso, as análises considerarão os objetivos específicos abaixo descritos e seguirão o seguinte percurso possível:

- Indagaremos como a ausência do aniversário de Washington Noriega possibilitaria a sua rememoração conjunta entre Matemático e Leto;
- Analisaremos em que medida se forma uma amizade entre os protagonistas, baseada no compartilhar de lembranças, alheias a eles, dessa festa;
- Observaremos os vínculos afetivos que os personagens principais têm com os testemunhos da celebração multiplamente rememorada;
- Verificaremos como esses últimos laços interferem na reconstrução do acontecimento a partir dessas lembranças superpostas;
- E, por fim, observaremos as repercussões da ditadura militar argentina na vida dos personagens e em suas relações afetivas.

Bibliografia

ABBATE, Florencia. La historia en las ficciones en Juan José Saer. In: SAER, Juan José. **Glosa/El entonado. Edición crítica.** Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

ADORNO, Theodor. A posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de Literatura I.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CONTRERAS, Sandra. Glosa, un atisbo de fiesta. In: *Paradoxa*, Rosario, n. 6, p. 43-52, 1991. Disponível em: <<http://www.lectorcomun.com/archivos/files/5ContrerasParadoxa6.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

DALMARONI, M.; Merbilhaá, M. “Un azar convertido en don”. Juan José Saer y el relato de la percepción. In: JITRIK, Noé (dir.) **Historia crítica de la literatura argentina**, v.11. Buenos Aires: Emecé, 1999.

DEMA, Pablo. El relato literario y la memoria colectiva. In: *Borradores*, Córdoba, v. VIII-IX, p. 1-9, 2008. Disponível em <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/borradores/Vol8-9/pdf/El%20relato%20literario%20y%20la%20memoria%20colectiva.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2014.

GARRAMUÑO, Florencia. Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración, en *El Entenado y Glosa*. In: SAER, Juan José. **Glosa/El entenado. Edición crítica**. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

GRAMUGLIO, María Teresa. El lugar de Saer. In: *Crítica cultural*, Santa Catarina, v. 5, n. 2, p. 325-347, 2010. Número especial. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/695/650> Acesso em: 17 abr. 2017.

KOHAN, Martín. *Glosa*, novela política. In: RICCI, Paulo (ed.). **Zona de prólogos**. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.

PIGLIA, Ricardo Piglia. La amistad en Saer. In: SAER, Juan José. **Glosa/El entenado. Edición crítica**. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

PREMAT, Julio. **La dicha de Saturno. Escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAER, Juan José. Glosa. 5^a ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2013.

SARLO, Beatriz. La política, la devastación. In: SAER, Juan José. **Glosa/El entenado.** Edición crítica. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.